

O EROTISMO COMO EXPERIÊNCIA INFINITA, EM GEORGES BATAILLE

EROTISM AS INFINITE EXPERIENCE IN GEORGES BATAILLE

Pedro Morais Vasques*

RESUMO

Este trabalho investigará o modo como Georges Bataille trata o erotismo e relacionará este com outros tópicos necessários à compreensão de tal temática – tais como o Bem e o Mal, o profano e o sagrado. Para isso, partirá da descrição batailliana da gênese dos mundos e do homem, como escrita em *Teoria da religião*, a partir da condição animal inicial e através de utilização da ferramenta – tais criações coincidindo com o aparecimento do trabalho e da razão. Depois de esclarecidas todas as anteriormente citadas criações – etapas indispensáveis para o entendimento do erotismo – que compõem o dilema do homem, se debruçará sobre o inevitável sufocamento vivenciado por este na vida ordinária. A partir de então aparecerá a dicotomia entre Bem e Mal, e como, enquanto o Bem oprime, o Mal é experimentado como a libertação das travas criadas pelos tabus, a sustentação da vida humana e corriqueira. A pesquisa sobre o erotismo propriamente dito virá logo em sequência, apontando a essa altura suas especificidades como forma de Mal e como ele se dá em suas diferentes manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: Bem. Erotismo. Indivíduo. Limite. Mal. Profano. Sagrado.

ABSTRACT

This work will investigate the manner in which Georges Bataille treats eroticism, and it will link that to other topics which are necessary to the understanding of such theme – Good and Evil, the profane and the sacred. In order to do that, it will depart from the Bataillan description of the worlds and the man genesis, as written in the religion Theory, from the initial animal condition and by the utilization of tools – such creations coincided with the appearance of work and reasoning. After clarifying all the previously mentioned creations – indispensable stages for the understanding of eroticism – which make up the dilemma of the man, this paper will look over the inevitable suffocation experienced by him in his ordinary life. From that moment on, the Good and Evil dichotomy emerges, and as the Good oppresses, the Evil is experienced as the liberation of the bondages created by taboos, the sustenance of human and everyday life. The research on eroticism per se will come right after, pinpointing at this point its specificities in the form of Evil and how it unravels in its manifestations.

KEYWORD: Animal. Good. Erotism. Subject. Limit. Evil. Profane. Sacred.

INTRODUÇÃO

É impossível encontrarmos vida humana onde não exista erotismo. Desde o fenômeno mais básico que é a reprodução da espécie humana até expressões artísticas, lá está o erótico.

* Bacharelado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: pedrokk007@hotmail.com.

Se falamos de erotismo, falamos de humanidade – e a recíproca é também verdadeira. Até mesmo aquele grupo de pessoas, os santos, que enganosamente não têm relação alguma com o erotismo, estão profundamente envolvidos com ele; basta que nos atentemos ao relato da transverberação em *O livro da vida*, de Santa Tereza, ou às poesias místicas de Rumi. Indo mais além, nem mesmo os deuses estão livres do erotismo: no hinduísmo, todo deus tem sua Shakti.

O sexo cria vida, é sagrado; nos subtrai de nossa razão, é animal. É biológico, então é individual; mas é exercido de acordo com normas, logo, é social. Encanta e horroriza-nos, por isso o louvamos e repudiamos. É metáfora para as coisas mais elevadas e abjetas. É parte integrante de nossa vida e, por isso, é um bem; mas nos descontrola e por isso é um mal. Todos nós sabemos muito bem o que ele é, e isso não nos faz dar um passo para além das brumas da ignorância.

É nesses paradoxos que George Bataille trabalha. E nós trabalharemos também.

ANIMA E ANIMAL

Em sua *Teoria da religião*, Bataille atribui o surgimento do homem à fabricação de ferramentas. O homem, em sua primitividade, ainda é vizinho ontológico do animal; é, assim como este, água na água. Estando completamente imerso no mundo que o circunda, é incapaz de realizar qualquer diferenciação: “A apatia que o olhar do animal traduz após o combate é o signo de uma existência essencialmente igual ao mundo onde ela se move como água no seio das águas” (BATAILLE, 2015a, p. 28). É em-si¹, ignorante do mundo e de sua própria condição apesar de relacionar-se com os entes, ou seja, está barrado para ele o reconhecimento das coisas como coisas, do ente como ente (independentemente de qual ente seja). A experiência do mundo coincide com uma totalidade amorfa em si indistinguível. Bataille chama isso de “imanência sem limite claro” (BATAILLE, 2015a, p. 33).

A fabricação de ferramentas desenvolve no homem uma capacidade de foco, de destaque epistemológico: a manualidade do objeto produz no sujeito o poder de relevar no panorama epistemológico e, conseqüentemente, no ótico, um objeto, reconhecê-lo como ele

¹ Dentre os vários sentidos para o termo “em-si” em Hegel, Charles Taylor (2014, p. 139) destaca também: “o ‘an sich’ é o implícito, o até agora não desenvolvido, o idêntico a si mesmo, ao passo que ‘für sich’ é o plenamente implementado, exteriorizado, que, por isso, está como que ‘diante de si mesmo’”. O animal é sempre o que foi, por isso é “idêntico a si mesmo” e como não exteriorizou-se, é ignorante sobre si.

mesmo e não confundi-lo com qualquer outro ao seu redor. Podemos afirmar então que a fabricação cria o objeto, e o objeto “cria” a diferenciação. Após a diferenciação, o homem se desafoga do mar da indiferenciação:

A posição do objeto clara e distintamente conhecido de fora define geralmente uma esfera de objetos, um mundo, um plano em que é possível situar clara e distintamente, ao menos em aparência, aquilo que, em princípio, não pode ser conhecido do mesmo modo. Assim, tendo determinado coisas estáveis, simples e que é possível fazer, os homens determinaram no plano onde essas coisas apareceram, como se fossem comparáveis ao bastão, à pedra talhada, elementos que eram e permaneciam, apesar disso, na continuidade do mundo, como animais, plantas, outros homens e, finalmente, o próprio sujeito determinante. Isso quer dizer, em outros termos, que só passamos a nos conhecer distinta e claramente no dia em que nos percebemos de fora como um outro. E isso ainda sob a condição de que tenhamos primeiro distinguido o outro no plano onde as coisas fabricadas apareceram distintamente para nós. (BATAILLE, 2015a, p. 31).

Não sendo mais uma “onda” de individualidade sobre o mar da indiferenciação, o homem está liberto de sua condição animal, sempre parcialmente, e pode retornar a ela sempre momentaneamente, em eventos caracterizados pela perda de si na intimidade, na experiência interior.

É importante compreendermos que – para Georges Bataille – a vida é trabalho porque vivemos trabalhando, isto é, angariando meios de subsistência (alimentos, roupas, moradias) e, como jamais viveríamos se todo o fruto de nosso trabalho fosse destruído simultaneamente, trabalho é adiamento. Que, como queremos viver (há exceções e excessos), pensamos em consumir paulatinamente os resultados de nosso trabalho, racionar e administrar seu uso. Sendo assim, trabalho é razão, uma vez que para o trabalho existir e alcançar seus propósitos é indispensável um, mesmo que incipiente, modo racional de ser.

A essa altura, não será árduo aceitar que trabalho é subserviência, posto que nos subtrai da posse total *aqui e agora* para reparti-la com o futuro. Vida, trabalho, adiamento, razão e subserviência estão intimamente ligados e compõem o mundo humano, o mundo profano. E um mundo profano somente pode existir em diálogo e cisão com um mundo sagrado.

Anteriormente foi dito que a diferenciação realizava-se a partir do sobrelevo da ferramenta; e a reflexão permaneceu restrita à individualização do animal-homem. O que é necessário ser dito para entendermos a dicotomia dos mundos segundo Georges Bataille é que o homem primevo, arquetípico, atribui a todos os entes do mundo a mesma existência como sujeito que ele atribui a si mesmo. Este ponto é essencial, pois será a partir dele que haverá

sentindo no sacrifício e na morte: os seres, para Bataille, estão confinados em sua materialidade descontínua, presos a si mesmos; a morte os liberará de seus limites. Se os primitivos vissem os animais exclusivamente como *res extensa*, não haveria nada naqueles corpos (nem nos nossos, porque somos também animais) desejando a liberdade. A morte (que mata o corpo) liberta, pois o corpo aprisiona (e o corpo aprisiona pois ele é um corpo, e não todas as outras coisas e o corpo), mas o corpo só é aprisionador se existir algo aprisionado; por isso as reflexões sobre os animais, o homem e o trabalho são importantes para entendermos os efeitos do erótico em nós.

Como foi dito, a ferramenta e o trabalho criam a individualidade e, portanto, a sensação de unidade consigo mesmo. Toda coisa que é ela mesma não pode ser outra coisa que não ela mesma; esta coisa, então, está condenada a si. Para que se liberte de si, precisa se libertar daquilo que a faz ela mesma: sua matéria. É na matéria que reside a individualidade², fora dela, as coisas são genéricas. Aristóteles (2015, p. 573) mesmo o admite em sua *Metafísica*: “Mas todas as coisas que são múltiplas quanto ao número têm matéria”. Multiplicidade implica descontinuidade, se as coisas fossem todas contínuas umas em relação às outras, na verdade seriam todas uma coisa só.

Nessa atribuição anímica, as coisas, vistas de fora, são objetos, mas, “vistas de dentro”, em sua experiência íntima, elas são sujeitos.

A linguagem define, de um plano ao outro, a categoria do sujeito-objeto, do sujeito objetivamente considerado, tanto quando possível, clara e distintamente conhecido de fora. Mas uma objetividade dessa natureza, clara quanto à posição separa de um elemento, permanece confusa: esse elemento guarda a um só tempo os atributos de um sujeito e de um objeto. A transcendência da ferramenta e a faculdade criadora ligada a seu emprego são atribuídas, nessa confusão, ao animal, à planta, ao meteoro; são igualmente atribuídas à totalidade do mundo. (BATAILLE, 2015a, p. 32, grifo nosso).

O destaque feito em nosso grifo é de suma importância à explicação; é, na verdade, o símbolo de um erro que pode ser cometido por qualquer pessoa inocente no campo da comunicação. Dizemos cotidianamente coisas como: o carro quebrou, o celular tocou, a comida está pronta. Recorremos sempre a um sujeito e sua ação (o verbo) mesmo que, filosoficamente falando, *não haja sujeito algum realizando essas ações*. A linguagem acaba operando uma tarefa pneumatológica: infunde espírito aos seres. Sobre esse engano gramatical, Friedrich Nietzsche (2005, p. 22) diz: “Aqui se conclui segundo o hábito

² Devido à extensão do problema (que não cabe discutir neste trabalho), opto aqui pela interpretação de que, na filosofia aristotélica, a individuação reside na matéria.

gramatical: ‘pensar é uma atividade, toda atividade requer um agente, logo, ...’”. O homem vê, após este truque linguístico, todos os objetos como sujeito, como espírito.

Inicialmente, a experiência animal percebe apenas uma imanência ilimitada que é vista, *a posteriori* pelo homem, como divina e indistinta do corpo. O momento propriamente antropológico é aquele em que a experiência divina é contínua e diferente do corpo. O corpo, retomando reflexões anteriores, é o campo da individualidade, dos limites. Dissemos que este é o mundo da vida, do trabalho, do adiamento, da razão e da subserviência³. Aquele, portanto, é o mundo da morte, dispêndio, instante, desrazão e soberania (liberdade). Como consideramos os dispositivos que prolongam a vida como bons, o mundo profano resume-se no Bem; logo, o sagrado resume-se no Mal. Georges Bataille (2015b, p. 21) diz: “A morte e o *instante* de uma embriaguez divina se confundem na medida em que ambos se opõem às intenções do Bem, fundadas no cálculo da razão. [...] E a morte é o signo do instante, que, na medida em que é o instante, renuncia à busca calculada da duração.”

A despeito de todos os esforços, o homem não pode se apartar totalmente do Mal – e verdadeiramente não o quer –, pois ele constitui o mundo profano tanto quanto a própria vida: seres precisam morrer para que outros vivam, metaforicamente – como na dedicação dos pais aos filhos – e literalmente falando – como na reprodução das aranhas. Excetuando seu aspecto biológico, o Mal nos proporciona o momento mais radical do ser, momento que nos leva a saborear o gosto de nossa potência. Estamos livres das coações, inibições, restrições que bloqueiam, na ordinariade, o aparecimento de tudo aquilo que uma existência é capaz de viver. A barragem do tabu, até o Mal, detém a potência das águas; entretanto, no Mal, as águas fluem contidas, mas não por isso sem violência. Para confirmar o anteriormente afirmado, podemos destacar a seguinte citação de Bataille (2014, p. 137): “O erotismo orgíaco é em sua essência excesso perigoso. Seu contágio explosivo ameaça indistintamente todas as possibilidades da vida” e para que não sejamos alertados de uma generalização indevida, outro trecho que confirma nosso pensamento, mas dessa vez sobre a violência guerreira: “A crueldade e o erotismo se ordenam no *espírito* possuído pela resolução de ir além dos limites do interdito” (BATAILLE, 2014, p. 103) e segue:

³ Vale dizer que aqui Georges Bataille é fiel a Karl Marx, ao identificar acúmulo e subserviência. Karl Marx, em *O capital*, Livro I, diz: “A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital.” (MARX, 2011, p. 578). Bataille propõe então a mais óbvia solução contra o acúmulo e capitalismo: a destruição.

Essa resolução não é geral, mas sempre é possível deslizar de um domínio ao outro: trata-se de domínios vizinhos, fundados ambos na embriaguez de escapar resolutamente ao poder do interdito. A resolução é tanto mais eficaz uma vez que se reserva o retorno à estabilidade sem a qual o jogo seria impossível: isso supõe ao mesmo tempo o transbordamento e a previsão do recuo das águas. (BATAILLE, 2014, p. 103).

Entretanto, no caso dos seres humanos, há um entrave. A descrição anterior pode pecar por desenhar um quadro em que o Mal esteja excessivamente parecido com uma visão de mundo aventureira ou mesmo com o Bem; mas não o é; libertar as potências no Mal é chocante para o ser humano. Nietzsche compreendeu o risco que é viver em unidade com a natureza e declarou:

Imaginem um ser tal como a natureza, desmedidamente pródigo, indiferente além dos limites, sem intenção ou consideração, sem misericórdia ou justiça, fecundo, estéril e incerto ao mesmo tempo, imaginem a própria indiferença como poder – como *poderiam* viver conforme essa indiferença? Viver – isto não é precisamente querer ser diverso dessa natureza? Viver não é avaliar, preferir, ser injusto, ser limitado, querer ser diferente? (NIETZSCHE, 2005, p. 14).

Em sua universalidade, os tabus são os limites que delineiam nossa humanidade – ou o que há de humano em nós. Eles afirmam até que ponto podemos ir, como devemos regradar nossa vida em todas as esferas para que sejamos ainda indivíduos humanos. Para além da moralidade, só hipermoralidade: lá abandonamos nossa humanidade, nos deparamos com a animalidade divina perdida. É normal e razoável o afastamento aos nos depararmos com o Mal, pois a face de nossa extinção está nos encarando diretamente. A humanidade tem um relacionamento ambíguo com o Mal: teme-o, pois ele é sua extinção, mas deseja-o, pois ele é sua expansão. Georges Bataille (2014, p. 64) o diz nas seguintes palavras:

No domínio de nossa vida, o excesso se manifesta na medida em que a violência prevalece sobre a razão. O trabalho exige uma conduta em que o cálculo do esforço, relacionado à eficácia produtiva, é constante. Exige uma conduta razoável, em que os movimentos tumultuosos que se liberam na festa e, geralmente, no jogo, não são admitidos.

Mesmo em nossa concepção corriqueira a violência é identificada como um aspecto do Mal, da maldade – tornando esse trecho menos ininteligível para os leitores de Bataille. Podemos ver aqui nesse pensamento batailliano os traços da pulsão como redefinida por Jacques Lacan:

A distinção entre pulsão de vida e pulsão de morte é verdadeira na medida em que manifesta dois aspectos da pulsão. Mas com a condição de conceber que todas as pulsões sexuais se articulam no nível das significações no inconsciente, na medida em que, o que elas fazem surgir, é a morte.⁴ (LACAN, 1985, p. 243).

É enganoso, contudo, acreditar que a coragem que ultrapassa a moral por isso a cancela. Como os tabus morais nos fazem humanos, não é descartando-os que alçamos ao pináculo do homem. Precisamos negar – ao transpassá-los – mas afirmá-los conservando-os, pois do contrário recairíamos na animalidade originária amoral e estaríamos, por isso, impossibilitados de experimentar a transgressão. O Mal hipermoral nos leva a vivenciar a animalidade divina, mas não nos transforma em animais: é um processo espiralar, que nos faz retornar ao mesmo espaço, porém em um nível diferente. Bataille adverte o quão implausível é a pretensão de desfazermos de todos os tabus em prol da liberdade; sem tabus, não seríamos humanos e, não sendo mais humanos, não há o que se falar de liberdade.

A sociedade deve imantar-se do Mal para sobreviver – como já foi dito, o ser humano repugna e anseia o divino. Toda sociedade existente deve, em vista disso, criar dispositivos tanatófilos, ou seja, que darão oportunidade ao contato paradoxal do coletivo com o mundo da morte e do Mal. Sumariamente, nas sociedades não seculares tal papel é designado pela religião. O próprio Bataille (2014, p. 98) alega:

O interdito não pode suprimir as atividades necessárias à vida, mas pode lhe dar o sentido da transgressão religiosa. Ele as submete a limites e regula suas formas. Devido ao assassinato, o caçador ou guerreiro assassino eram sagrados. Para voltar à sociedade profana, era preciso que eles se lavassem dessa mácula, se purificassem.

Importante destacar que o Mal não atrai o homem simplesmente porque é Mal. O Mal atrai o homem porque o libera do Bem, dos limites. Liberando-nos dos limites, somos ilimitados novamente; assim como éramos em nosso passado animal. O Mal é o signo do infinito e é por isso que o desejamos tão fortemente e com tanta angústia. Esee mesmo ponto aparece também em *Fenomenologia do espírito*, de Hegel; é apenas através do medo (que, nos termos de Bataille, equivale a encarar quaisquer das faces do Mal) que o ser pode se

⁴ Marco Antonio Coutinho Jorge explica: “Distinguindo a função da tendência, Freud pondera que o princípio de prazer é uma tendência que opera a serviço de uma função cuja missão é liberar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixo quanto possível. *Tal função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico*”. [De modo que] “isso significa que a função estaria relacionada ao mais além do princípio de prazer com sua finalidade de diminuir a tensão interna ao nível mais baixo possível, o que significa, no fundo, zerá-la”. (JORGE, 2010, p. 132, grifo nosso).

afastar das determinações e se tornar negatividade e, portanto, liberdade e indeterminação. Hegel (1988, p. 133) diz:

Se não suportou o medo absoluto, mas somente alguma angústia, a essência negativa ficou sendo para ela algo exterior: sua substância não foi integralmente contaminada por ela. Enquanto todos os conteúdos de sua consciência natural não forem abalados, essa consciência pertence ainda, em si, ao ser determinado.⁵

A organicidade da existência força todos a encarar a morte como processo constitutivo da vida. O Bem, não obstante seguro, é árduo de tolerar. O Bem ocupa-se da ordem prática da vida, por isso é enfadonho e humilhante; sufoca, forçando a uma existência isolada, descontínua. O Mal, ao dispensar a seriedade do porvir, pode libertar: não mais preocupados com o trabalho, com o amanhã, com a sobrevivência, focamos exclusivamente na potência do agora. Soberanos, nos perdemos no mundo, devolvemos ao nosso poder tudo que nos diz respeito e nada mais resta para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este breve percurso investigativo do erotismo em Georges Bataille, podemos reavaliar nossas visões em relação a uma certa gama de problemas extremamente importantes para nossa sociedade contemporânea – entremeados que são pelo campo da psicologia, da política, da religião e outros tantos. Ao deslindar uma possível lógica subjacente aos fenômenos mais aberrantes para nossa consciência comum, Bataille nos entrega, antes de qualquer outra coisa, chances. Com esse conhecimento em mãos, temos mais opções para combater a violência em suas diversas manifestações – desde a guerra entre nações até o abuso sexual –, visto que algo a mais foi adicionado ao nosso arsenal conceitual.

Mas as chances não são unicamente para o Bem, são também para o Mal. Uma segunda chance dada a nós por Bataille pode ser a aceitação de nossa vontade sádica de morte e a desistência de qualquer projeto de esclarecimento. A possibilidade mais interessante,

⁵ Byung-chul Han (2017, p. 41) afirma que a descrição que faz Hegel da dialética Senhor-escravo denota uma luta de vida e morte. Aquele que se apresenta depois como senhor não teme a morte. Sua cupidez por liberdade, reconhecimento e soberania eleva-o acima das preocupações voltadas para o mero viver. É o medo da morte que leva o futuro escravo a submeter-se ao outro. Ele prefere a escravidão à ameaça da morte. Ele se apega ao mero viver. O que determina o estopim da luta não é a superioridade física de um partido; o decisivo é, ao contrário, a “capacidade da morte”. Quem não tem liberdade frente à morte não ousa viver. Em vez de “caminhar consigo mesmo até a morte”, ele permanece “parado em si mesmo dentro da morte”. Ele não ousa caminhar rumo à morte, e assim torna-se escravo e trabalha.

entretanto, não é de Bataille como utopista, mas como profeta. Já não estaríamos em uma sociedade batailliana? Basta que vejamos como vivemos em relativa tranquilidade quando sabemos que qualquer catástrofe – política, ecológica, cosmológica – se avizinha, e como por vezes mesmo a desejamos (em pequenos chistes cotidianos). Pós-humanismo e trans-humanismo se fazem cada vez mais presentes com suas possibilidades de furos, cortes e costuras em nossos corpos, mostrando como desejamos nosso dilaceramento.

Sobre essas coisas não podemos ter certeza, mas há algo que podemos afirmar com segurança ao fim deste trabalho: os monstros têm razão.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2015. 695p.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 343p.

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**: seguida de Esquema de uma história das religiões. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a. 139p.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b. 199p.

HAN, Byung-chul. **Agonia do eros**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017. 93p.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**: Parte I. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. 550p.

JORGE, Marco Antonio C.. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. v. 2: a clínica da fantasia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 288p.

LACAN, Jacques. **Livro XI**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 266p.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 568-578.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 247p.

TAYLOR, Charles. **Hegel**: sistema, método e estrutura. São Paulo: É realizações, 2014. 620p.